



Chrys Chrystello*

Olha a mala

Desde que a loja da marca no Parque Atlântico fechou que andava a tentar substituir as minhas – já bem idosas – malas de viagem Samsonite, mas nunca me passaria pela cabeça que precisaria de “amnésia parlamentar”, perdão, imunidade para lamentar. Pelo visto alega-se que foi isso que um chegado deputado (dos Açores) na Assembleia da República andava a fazer todas as semanas nas suas deslocações entre Ponta Delgada e Lisboa.

Que ideia magistral, que originalidade, que sabedoria, que pensamento fora da mala (perdão, fora da caixa), não fora alguém ter chibado o esquema e ele seria indetectável e indetetado. Felizmente as minhas malas foram poupadas por eu raramente me deslocar ao torrão peninsular e quando o faço é normalmente para a capital norte.

O autor Nuno Costa Santos veio celeremente sentir-se discriminado nas suas frequentes viagens por nunca ter tido a sorte desse “desvio” de malas, que ele atribuiu ao facto de as malas dele serem jeitosinhas mas não Samsonite....

É por estas e outras que a nação é grande como disse em tempos Eça de Queirós

Uma nação vive, próspera, é respeitada, não pelo seu corpo diplomático, não pelo seu aparato de secre-tarias, não pelas recepções oficiais, não pelos banquetes cerimoniais de camarilhas: isto nada vale, nada constrói, nada sustenta; isto faz reduzir as comendas e assoalhar o pano das fardas – mais nada. Uma nação vale pelos seus sábios, pelas suas escolas, pelos seus génios, pela sua literatura, pelos seus exploradores científicos, pelos seus artistas. Hoje, a superioridade é de quem mais pensa; antigamente era de quem mais podia: ensaiavam-se então os músculos como já se ensaiam as ideias.

Mas já então ele alertava para o que mata uma nação:

O que verdadeiramente nos mata, o que torna esta conjuntura inquietadora, cheia de angústia, estrelada de luzes negras, quase lutuosa, é a desconfiança. O povo, simples e bom, não confia nos homens que hoje tão espetaculosamente estão meneando a púrpura de ministros; os ministros não confiam no parlamento, apesar de o trazerem amaciado, acalentado com todas as doces cantigas de empregos, rendosas conezias, pingues sinecuras; os eleitores não confiam nos seus mandatários, porque lhes bradam em vão: «Sede honrados», e vêem-nos apesar disso adormecidos no seio ministerial; os homens da oposição não confiam uns nos outros e vão para o ataque, deitando uns aos outros, combatentes amigos, um turco olhar de ameaça. Esta desconfiança perpétua leva à confusão e à indiferença. O estado de expectativa e demora cansa os espíritos. Não se pressentem soluções nem resultados definitivos: grandes torneios de palavras, discussões aparatosas e sonoras; o país, vendo os

mesmos homens pisarem o solo político, os mesmos ameaços de fisco, a mesma gradativa decadência. A política, sem atos, sem factos, sem resulta-dos, é estéril e adormecedora.

Termino numa nota mais poética, ainda citando Eça.

....A poesia não se inventou para cantar o amor — que de resto não existia ainda quando os primeiros homens cantaram. Ela nasceu com a necessidade de celebrar magnificamente os deuses, e de conservar na memória, pela sedução do ritmo, as leis da tribo. A adoração ou captação da divindade e a estabilidade social, eram então os dois altos e únicos cuidados humanos: — e a poesia tendeu sempre, e tenderá constantemente a resumir, nos conceitos mais puros, mais belos e mais concisos, as ideias que estão interessando e conduzindo os homens.

Se a grande preocupação do nosso tempo fosse o amor — ainda admitiríamos que se arquivasse, por meio das artes da imprensa, cada suspiro. Mas o amor é um sentimento extremamente raro entre as raças velhas e enfraquecidas. Os Romeus, as Juliets (para citar só este casal clássico) já não se repetem nem são quase possíveis nas nossas democracias, saturadas de cultura, torturadas pela ânsia do bem-estar, céticas, portanto egoístas, e movidas pelo vapor e pela electricidade. Mesmo nos crimes de amor, em que parece reviver, com a sua força primitiva e dominante, a paixão das raças novas, se descobrem logo fatores lamentavelmente alheios ao amor, sendo os dois principais aqueles que mais caracterizam o nosso tempo: o interesse e a vaidade. Nestas condições, o amor que voltou a ser, como na Grécia, um Cupido pequenino e brincalhão, que esvoaça, surripiando aqui e além um prazer fugitivo — é removido para entre os cuidados subalternos do homem, muito para baixo do dinheiro, muito para baixo da política... É uma ocupação, sem malícia o digo, que se deixa para quando acabar o dia verdadeiro e útil, e com ele os negócios, as ideias, os interesses que prendem.



*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713
MEEA-AJA (IFJ)



António Valdemar

Ouvir Estrelas

Ora (direis) ouvir estrelas! Certo, Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto, Que, para ouvi-las, muita vez desperto E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto a Via-Láctea, como um pálido aberto, Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto, Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: “Tresloucado amigo! Que conversas com elas? Que sentido Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz de ouvir e de entender estrelas.

Olavo Bilac

O espetáculo do céu e a realidade da terra

Estes primeiros dias de Fevereiro- sob o signo das estrelas que surpreendemos desde as poças dos Mosteiros até à ponta oriental do Nordeste- constituem o regresso a um dos fenómenos celestes que se repetem, se multiplicam e nos fascinam

através da ilha de São Miguel.

As estrelas inserem – se na origem remota de cada terra, dos municípios, das freguesias e das paróquias inventariadas por Ernesto do Canto na « História das igrejas, ermidas e altares». Mas as estrelas também se encontram assinaladas nas várias épocas da História da Literatura Portuguesa. Destacam – se ao longo dos dez cantos d’Os Lusíadas», nos sonetos e nas odes de Antero, na obra ortónima e heterónima de Fernando Pessoa. Basta citar os poemas Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Alvaro de Campos Têm uma voz própria nas suas diferenças e complementaridades.

Em relação aos Açores as estrelas permanecem vivas e errantes na obra dos seus grandes poetas e escritores de expressão regional, nacional e universal .Tais como Gaspar Frutuoso, nas Saudades da Terra e nas Saudades do Céu; Roberto de Mesquita nas Almas Cativas; Vitorino Nemesio, no Bicho Harmonioso e na Festa Redonda , sem esquecer os sucessivos capítulos de Mau Tempo no Canal, onde aprofundou as raízes da nossa identidade e a nossa afirmação como cidadãos do mundo.

Ainda a propósito do início do mês de Fevereiro e da Festa das Candeias é possível estabelecer no trajeto da memória uma aproximação com a obra de um grande poeta brasileiro Olavo Bilac (1865-1918), autor de Ouvir Estrelas, um dos mais belos sonetos incluídos em todas as antologias da língua e da literatura portuguesas.

É evidente que A Semana de Arte Moderna de São Paulo de 1922 deu lugar ao aparecimento e à consagração de poetas notáveis poetas do Brasil como Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e, posteriormente, Carlos Drummond de Andrade. Apesar tudo, o nome e a obra de Olavo Bilac continuou a ter um lugar próprio.